

Narrativas do esgotamento e historiografia (literária) brasileira no Antropoceno

Narratives of Exhaustion and Brazilian (Literary) Historiography in the Anthropocene

*Mariana Simoni**
Freie Universität Berlin
maiasimoni@gmail.com

RESUMO: Tomando como ponto de partida a entronização do conceito de Antropoceno nos discursos das Ciências Humanas, o artigo vincula o novo impulso narrativo gerado pela consciência tanto do impacto destrutivo da ação humana sobre o planeta Terra quanto pela ameaça de esgotamento dos recursos naturais – em última instância, diretamente vinculada à extinção da própria espécie humana – à emergência de *narrativas do esgotamento* comprometidas com práticas situadas de resistência. O objetivo é enfatizar o aspecto performativo neste novo gesto de narrar, que invariavelmente implica reescrituras da história literária brasileira a partir de perspectivas mais além do humano. Do ponto de vista metodológico, o artigo apoia-se no diálogo entre teorias neomaterialistas (HARAWAY, 1988; 2015; 2016) e do perspectivismo ameríndio (VIVEIROS DE CASTRO, 2009; 2014) com constructos teóricos propostos pela École des Annales revisitados por historiadores contemporâneos (CHAKRABARTY, 2009; SAWYER, 2015).

PALAVRAS-CHAVE: Antropoceno. Historiografia (literária). Narrativas do esgotamento. Literatura Brasileira.

ABSTRACT: Taking as its starting point the enthronement of the Anthropocene concept in human science discourses, the article links the new narrative impulse generated by the awareness both of the destructive impact of human action upon planet Earth, and of the threat of depletion of natural resources – ultimately directly linked to the extinction of the human species itself – to the emergence of narratives of depletion committed to situated practices of resistance. The aim is to emphasize the performative aspect in this new gesture of narration, which invariably implies rewriting Brazilian literary history from perspectives beyond the human. From the methodological point of view, the article is based on the dialogue between neomaterialist theories (HARAWAY 1989; 2015; 2016) and Amerindian perspectivism (VIVEIROS DE CASTRO, 2009; 2014) with theoretical constructs proposed by the École des Annales and revisited by contemporary historians (CHAKRABARTY, 2009; SAWYER, 2015).

KEYWORDS: Anthropocene. (Literary) Historiography. Narratives of Exhaustion. Brazilian Literature.

* Professora na área de Literaturas e Culturas da América Latina, com ênfase em Brazilianística, no Lateinamerika-Institut e no Institut für Romanische Philologie da Freie Universität Berlin.

Introdução

O impacto da proposta do Antropoceno como novo paradigma científico tem se observado não apenas na redistribuição das hierarquias disciplinares a favor da geologia e das ciências ambientais e climáticas, mas sobretudo em alianças interdisciplinares entre as ciências naturais e tecnológicas e as humanidades, a partir do questionamento da distinção elementar entre natureza e cultura e de novos acentos sobre o *narrar* (DÜRBECK, 2018; HARAWAY, 2016; LATOUR, 2014). Essas novas ênfases colocam desafios para campos de saber tradicionalmente ligados à escrita e à tarefa de *contar*, como a história, a historiografia, os estudos de literatura e a historiografia literária, em sua maioria relacionados a crescentes cruzamentos entre ética e estética, entre perspectivas globais e locais.

Enquanto no campo da história um dos maiores desafios diz respeito tanto ao próprio questionamento teórico do conhecimento histórico *per se* a partir das consequências de construções imaginárias de futuro sem seres humanos, quanto, no nível metodológico, às interseções entre história global do capitalismo e história da espécie humana (CHAKRABARTY, 2009, p. 212), na área dos estudos de literatura isso se vincula ao questionamento de processos de canonização e de categorias fundamentais do sistema literário, como autoria, recepção e valor, bem como a projetos – simultaneamente literários e historiográficos, porque performativos – de reescritura de histórias coloniais diretamente relacionadas à própria formação do campo literário a partir de perspectivas tradicionalmente associadas à posição passiva em relação ao ponto de vista humano universalizante, estabilizado no polo masculino, branco, heterossexual.

Trata-se, por um lado, de vincular o antropocentrismo ao colonialismo, à escravidão, ao genocídio indígena e a práticas extrativistas que ofereceram a matriz econômica para a própria atividade literária e que até hoje constituem a base para o modelo econômico segundo o qual “algumas regiões se especializam em produzir matérias-primas e outras, em produtos manufaturados” (ACOSTA, 2013, p.62). Por outro lado, trata-se de um novo impulso narrativo – performativo – que emerge a partir da ameaça do esgotamento de recursos naturais, em relativo contraste com a retomada da *storytelling* pós-moderna e diferentemente do esgotamento com frequência identificado tanto em projetos literários e artísticos vanguardistas e modernistas tematizando a crise da representação no início do século XX, quanto em

narrativas do pós-II Guerra, enfatizando a incomunicabilidade da experiência e a própria impossibilidade paradoxal da narrativa. As *narrativas do esgotamento* de hoje parecem se deslocar do âmbito linguístico, de performances de insuficiência e/ou economia da linguagem, em direção a uma tomada de posição performativa concreta e situada em uma crise planetária *a partir da* consciência da finitude dos recursos naturais da Terra e, ao mesmo tempo, das assimetrias implicadas pela própria posição enunciativa.

No contexto das constatações científicas do crescente aquecimento da Terra pela emissão de gases de efeito estufa, pelos desmatamentos das florestas, pela acidificação dos oceanos e pela destruição de cadeias alimentares, que funciona como o pano de fundo para o próprio paradigma do Antropoceno, o presente artigo propõe-se a observar o aspecto performativo e situado destas *narrativas do esgotamento* contemporâneas no Brasil, as quais se constroem invariavelmente como projetos literários historiográficos comprometidos com reescrituras da história literária brasileira, a partir de perspectivas narrativas mais além do humano, tradicionalmente excluídas do sistema literário, tornando porosas não apenas fronteiras entre natureza e cultura, mas a maioria das distinções cristalizadas pelo constructo do projeto de modernidade.

1 Marco teórico

Cunhado pelos químicos e pesquisadores da atmosfera holandeses Paul Crutzen e Eugene Stoermer, no início dos anos 2000, para descrever uma nova era geológica marcada pelo impacto massivo do ser humano sobre o subsistema biogeoquímico da Terra em escala global, o conceito de Antropoceno designa uma nova era que substitui o Holoceno, o período de tempo quente permanente, cujas condições ambientais relativamente estáveis, possibilitaram a emergência e o desenvolvimento da civilização humana há cerca de 11.700 anos (DÜRBECK, 2018, p.2). Ainda que a geologia tenha contribuído para a estabilização do paradigma do Antropoceno, oferecendo dados materiais das profundas alterações provocadas pelos humanos sobre a biosfera em nível planetário, o estabelecimento de sua origem ainda varia segundo perspectivas historiográficas diferentes, conforme suas vinculações à crítica do capitalismo. Enquanto alguns historiadores fazem coincidir o início do Antropoceno com o da Revolução Industrial e da tecnologia por ela implicada, outros

o situam muito antes, no começo do colonialismo, por meio da extração e exportação massivas de matérias-primas e da instauração das monoculturas através de força de trabalho escravo (p. 4).

A constatação de uma espécie de interrupção em uma determinada era geológica evoca diretamente uma perspectiva histórica de longa-duração (BRAUDEL, 1958). Em sua época comprometida teórica e politicamente com projetos de escrita da história da *École des Annales* capazes de subverter ambições totalitárias de narrativas nacionais e a rigidez da periodização, segundo Stephen Sawyer, a teoria de Braudel, quando observada hoje sob o pano de fundo do Antropoceno, sem dúvida parece datada no que diz respeito à separação entre natureza e cultura e à concepção do ser humano como agente geológico. No entanto, em sua perspectiva, um dos maiores méritos do modelo de Braudel seria “usar narrativa para combinar múltiplas temporalidades” (SAWYER, 2015, p. 8).

As contribuições teóricas da *École des Annales* para a historiografia literária têm sido analisadas de modo sistemático por Heidrun Krieger Olinto, tanto no que se refere à articulação entre histórias de curta e longa duração, quanto a perspectivas da micro-história e das histórias escritas a partir de baixo (OLINTO, 2004). Ao mesmo tempo que também enfatiza no projeto de Braudel – muito mais do que o privilégio da longa-duração – a própria imbricação dos “ritmos diferenciados em um espectro que abrange a curtíssima, a média e a longuíssima duração” (OLINTO, 2004, p. 21-22), bem como o potencial deste modelo teórico para pensar “simultaneidade e dissincronia do sincrônico” (p. 22), Olinto oferece a seguinte distinção sobre o uso do termo “narrativa” em contextos disciplinares da história e dos estudos literários:

A distância que separa a estrutura da narrativa simples e a estrutura narrativa do romance realista da estrutura narrativa do romance experimental modernista e, mais ainda, do romance contemporâneo (seja ele rotulado de pós-moderno ou não), não se mede apenas em função da percepção da crescente variedade dos recursos estratégicos e dos procedimentos formais utilizados para a configuração do seu material verbal, mas em função dos pressupostos epistemológicos e teóricos que sustentam a sua produção e que, neste contexto, precisam ser analisados como mudanças paradigmáticas. (OLINTO, 2004, p. 28)

Precisamente essa diferenciação será fundamental para entender as narrativas do esgotamento, não apenas a partir das estratégias narrativas formais de que lançam

mão na contemporaneidade, ou das vinculações identitárias minoritárias de sua autoria, mas sobretudo da própria autoconsciência de suas perspectivas situadas.

Atualmente, a retroalimentação entre experimentos literários e acentos teóricos não antropocêntricos na reflexão sobre relações de humanos e não-humanos, bem como a redescoberta de cosmogonias indígenas e de discursos contra a exploração da natureza, oferecem particularmente na área dos estudos de literatura e cultura brasileiras possibilidades complexas de investigação, já que nesse contexto a articulação dessas novas molduras teóricas se sobrepõe a questionamentos históricos e políticos específicos vinculados a discursos decoloniais. Nesse sentido, a ênfase em preocupações ambientais em contextos brasileiros de extrema desigualdade social pode assumir, de alguma forma, como efeito colateral indesejado, tonalidades eurocêntricas. Reorientações neomaterialistas e especulativas oferecem alternativas a essa armadilha, já que acentuam a agência de objetos e seres não humanos a partir de relações de poder históricas e da circulação de mercadorias (HOYOS, 2019; BECKMAN, 2013), e, ao mesmo tempo, a proeminência de vozes políticas vinculadas a minorias concebidas de maneira não dicotômica e enquanto diferenças dentro de diferenças. Exemplos dessa perspectivação que situa o ponto de vista inevitavelmente *a partir da* América Latina são tanto a comparação feita por Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2014), de estéticas apocalípticas exploradas sobretudo pelo cinema europeu com a cosmovisão ameríndia, em que a noção de apocalipse não faz sentido, uma vez que os mundos indígenas já acabaram há mais de 500 anos, com a invasão europeia, quanto a proposta de Donna Haraway de renomear o Antropoceno, de “Plantationcene”, de “Captalocene”, e também de “Chthulucene”, fazendo coincidir seu início com a exploração dos recursos naturais desencadeada pelo colonialismo (HARAWAY, 2015, p.159). A partir desse ponto de vista, pode-se contrastar o marco do protesto da juventude europeia no movimento *Fridays for future* com o dos ativistas indígenas latino-americanos que lutam por sua sobrevivência no presente. Seguindo a mesma lógica, distopias produzidas pela paisagem literária da América Latina parodiando códigos estéticos da ficção científica anglo-saxã em seu diagnóstico pessimista do presente assumem contornos futuristas quando lidas do ponto de vista Europeu. Ainda nessa direção, o título do livro recente de Ailton Krenak (2019) – *Ideias para adiar o fim do mundo* – aponta igualmente para o distanciamento em relação a pontos de vista apocalípticos.

Nos estudos literários, a incorporação da nova abordagem às questões de agência, matéria e ontologia ocorre, entre outros, no âmbito de uma virada antropológica que pode ser compreendida na sobreposição entre a experiência estética e a experiência da alteridade. Nesse sentido, a incorporação de outras cosmologias, como as ameríndias, que não se baseiam na separação entre o ser humano e natureza (VIVEIROS DE CASTRO, 2009), tem servido de base para repensar a própria experiência literária tanto em termos do critério de ficcionalidade (LIBRANDI, 2012) – reformulada a partir de uma definição de "literatura" em termos de uma "antropologia especulativa" (NODARI, 2015) –, quanto no que diz respeito aos limites da teoria literária que, no sentido das propostas de fictocritismo (MUECKE, 2002; TAUSSIG, 2004), por exemplo, inclui a ficção como forma de "descontrolar ou controlar a imaginação" (LIBRANDI, 2012, p.183).

A partir dessa virada não-antropocêntrica, leituras em sintonia com a ecocrítica, com estudos animais e interessadas na "vida literária das coisas" (TISCHLEDER, 2014), têm investigado o protagonismo literário de seres e matérias até então considerados passivos e desprovidos de agência – seja em textos já canônicos, seja na produção literária contemporânea. Nesses textos literários, quase sempre definidos em termos de hibridismo e passagens fronteiriças de gêneros, o elemento especulativo está ligado a narrativas distópicas, invulgares e fabulosas, e se situa não tanto nas construções tradicionais do futuro, mas muito mais em imagens que nos permitem desestabilizar a categoria do humano e deslocar o centro das nossas projeções de tempo, espaço e de mundo, especialmente o humano estabilizado no polo masculino, branco e heterossexual (BARAD, 2007; LOTHIAN, 2012)¹.

A visualidade implicada na ideia de perspectiva narrativa assume contornos universais quando se torna sinônima do olhar onisciente e descorporificado, masculino, branco e heterossexual que não precisa ter seu corpo anunciado, marcado, diferenciado, especificado. Já no final da década de 1980, Haraway comparou o perigo dessa perspectiva totalizante e universal com a posição relativista – incapaz de operar diferenciações e de situar sua posição enunciativa – em sua reivindicação da construção de conhecimentos científicos situados, a partir de perspectivas a partir de baixo (HARAWAY, 1988, p.581). Essas perspectivas encarnadas, tradicionalmente invisibilizadas, correspondem a diferenças dentro de

¹ As ideias apresentadas neste parágrafo e no anterior foram desenvolvidas na apresentação mais detalhada do marco teórico do especulativo em (SIMONI, 2020).

diferenças desviantes do olhar normativo do homem branco e permitem subverter não apenas pontos de vista universalizantes e totalizadores, mas sobretudo hierarquias que cristalizam o olhar como olhar humano. Segundo a autora, essa ideia ocorreu-lhe a partir da imaginação de como seria a visualização do mundo com os olhos de sua cadela (p.583). Precisamente esse deslocamento de perspectiva permitido pelo imaginário associa-se a novas alianças entre produção de arte e produção de conhecimento científico – justificadas pela insuficiência, ou *esgotamento*, das ferramentas comunicativas de ambas as esferas enquanto respostas à crise planetária –, a partir de perspectivas pós-antropocêntricas e neomaterialistas.

No livro *Extractive Zones: Social Ecologies and Decolonial Perspectives* (2017), Macarena Gómez-Barris associa o olhar extrativista à paisagem da monocultura, que pressupõe remoção, extração e exaustão, ou seja, práticas sustentadas ciclicamente pela relação parasitária em que uma das partes precisa ser exaurida, adoecida, para que a outra tenha algum tipo de benefício: à medida que se constata a exaustão, passa-se a outra matéria-prima: ciclo da borracha, ciclo da cana-de-açúcar, ciclo do café etc. Apreendidas por uma câmera submersa embaixo d'água captando bolhas minúsculas e temporárias e outras visualidades imperceptíveis fora do meio líquido, imagens produzidas pelo cineasta mapuche Francisco Huichaqueo sobre plantações de monocultura chilena funcionam, no livro de Gómez-Barris, como alegoria para a subversão implicada pelas perspectivas submersas. Submersão pressupõe, então, mudança de *meio*, de posição e de escala. Pressupõe, em suas palavras, “a percepção de coisas que não estão disponíveis a nosso olho nu” (GÓMEZ-BARRIS, 2017, p.xiv). O privilégio dado ao abaixo e à escala menor enfatiza a subversão perceptiva específica operada por obras artísticas que performativamente incluem perspectivas tradicionalmente situadas fora do sistema artístico, seja porque classificadas pelo cânone como folclore, artesanato ou como curiosidade antropológica.

2 Anfíbios

Em 2002, Silviano Santiago descreveu a literatura brasileira como "anfíbia", referindo-se precisamente à indissociabilidade entre as dimensões estética e política na comunicação literária entre autores e leitores.

No texto "Uma literatura anfíbia", que foi lido pela primeira vez como um discurso por ocasião de uma homenagem a José Saramago em Boston, Santiago descreveu a situação contraditória dos autores brasileiros, na medida em que, ao mesmo tempo em que são personalidades "midiáticas", seus livros dificilmente são lidos. Em um país com um índice enorme de analfabetismo como o Brasil, o público tem geralmente muito mais acesso às ideias dos seus autores através de entrevistas e eventos midiáticos, do que propriamente através da leitura dos seus livros. Esse problema fundamental leva a uma produção literária que observa sempre a sua própria precariedade: "condição em que o autor se encontra como cidadão num país cheio de injustiça" – mesmo que esta precariedade não seja explicitamente abordada. Contra a conhecida dialética entre uma sensibilidade local e um espírito cosmopolita moderno, como já formulada por Machado de Assis no século XIX, Santiago propõe a categoria dos anfíbios, que ele baseia na contaminação por um lado, e na performatividade da leitura, por outro:

[...] o duplo movimento de contaminação que se encontra na boa literatura brasileira não é razão para lamúrias estetizantes e muito menos para críticas pragmáticas. A contaminação é antes forma literária pela qual a lucidez se afirma duplamente. A forma literária anfíbia requer a lucidez do criador e também a do leitor, ambos impregnados pela condição precária de cidadãos numa nação dominada pela injustiça (SANTIAGO, 2002, p.17).

A clareza – descrita por Santiago como "lucidez" – que caracteriza tanto o ato de escrever, como o ato de ler, pressupõe uma lógica que perturba o modelo ocidental de centro *versus* periferia, influência *versus* autonomia, ou submissão *versus* resistência. Nesse sentido, seu texto não é apenas uma crítica à própria forma literária, mas também uma crítica à leitura. Segundo Santiago, o "público estrangeiro da literatura brasileira" alinha o seu interesse de acordo com uma lógica dicotômica que separa a estética da política. Santiago critica assim o sucesso internacional de uma certa e então crescente tendência na literatura brasileira para pintar retratos jornalísticos grosseiros do precariado, como se um dever político de abordar certas realidades sociais eximisse qualquer esforço estético.

Hoje – quase vinte anos mais tarde e numa paisagem literária onde a contaminação e a performatividade anfíbias se tornaram muito mais evidentes no sentido de uma certa libertação da lógica dicotômica confinante e excludente do "local"

e do "global" –, o conceito de anfíbio acaba sendo utilizado nos estudos literários como metáfora retórica do hibridismo em sentido lato, seja em relação a gêneros literários híbridos, seja em relação a uma zona de arte "híbrida" ou a culturas "híbridas".

Publicado em 2002 e lido pela primeira vez nos Estados Unidos, o texto tem seu início com duas explicações do adjetivo "anfíbio" no Webster's Dictionary: "Amphibious, adj. [Gr. amphibios, living a double life; amphi-, on both sides + bios, life [...]] 3. having two natures or qualities; of a mixed nature" (SANTIAGO, 2002, p.13). O primeiro significado, que não foi retomado ou sequer mencionado por Santiago, configura-se, no entanto, como fundamental para os estudos literários de hoje, exatamente porque se refere ao *meio* e aos corpos além do humano e situados: 1. "Having the ability to live both on land and in water, as frogs, crocodiles, beavers, and some plants". (WEBSTER'S DICTIONARY).

Se, por um lado, projetos teóricos como *Literatura brasileira, um território contestado*, de Regina Dalcastagnè (2012), foram fundamentais para tematizar essa contaminação anfíbia entre estética e política no campo literário brasileiro, enfatizando o caráter de constructo do cânone literário a partir da exclusão histórica de perspectivas dissidentes, inclusive do ponto de vista espacial, localizadas nas periferias dos grandes centros urbanos do sudeste do Brasil, por outro lado, eles ofereceram também uma contribuição inestimável no que se refere à discussão da tensão entre autoria e representação. A partir de pesquisa empírica junto a atores fundamentais do sistema literário brasileiro, como editoras, instituições promotoras de prêmios literários, livrarias e universidades, Dalcastagnè contrasta a autoria predominantemente masculina e branca com a representação passiva de mulheres e negros na literatura brasileira, abrindo caminho com isso para inúmeros projetos de re-escritura da história literária do Brasil a partir da autoria de mulheres negras e queers, e da inclusão da literatura produzida nas periferias em discussões estéticas sobre literatura.

Seguindo a mesma lógica, Julie Dorrico (2019) retoma a diferenciação proposta por Godet (2013) entre literatura indianista e literatura indigenista, propondo como terceira categoria, a literatura indígena, que, ao sair do espaço da representação em direção ao da performance, marca projetos literários cuja autoria está conectada a uma participação ativa dos indígenas dentro do sistema literário brasileiro, em contraste com a limitação exclusivamente ao papel de serem representados como personagens dentro deste sistema (DORRICO, 2019, p.236). O projeto de Dorrico

apoia-se em uma perspectiva historiográfica dinâmica que, em vez de conceber esses momentos de forma evolutiva, baseados em rupturas fixas, sugere antes quase uma espécie de simultaneidade, em que é possível enxergar a emergência de distinções importantes, mas também a coexistência de diferentes modos de existir dentro do sistema literário. Da mesma maneira, apesar de reconhecer a década de 1990 como marco para a emergência da autoria indígena, a lógica argumentativa do texto também permite a inclusão do texto de Eliane Potiguara produzido na década de 1975.

De maneira análoga, Maria Esther Maciel (2014; 2016) tem contribuído para a introdução da perspectiva animal na literatura brasileira, seja revisitando obras clássicas, como as de Machado de Assis, por exemplo, a partir do ponto de vista da animalidade, seja enfatizando essa questão em obras modernas e contemporâneas. O acento sobre a *perspectiva* destitui seu projeto teórico igualmente de matizes representativos, conferindo agência aos animais, ainda que a autoria animal, tal como concebida pelos seres humanos, seja empiricamente impossível. Precisamente esta impossibilidade impulsiona o deslocamento da percepção em direção a perspectivas a partir de baixo e liberta a noção de autoria de amarras identitárias essencialistas, no sentido de corpos e pontos de vista anfíbios.

Nesse contexto, mais do que posições autorais minoritárias fixas, as narrativas do esgotamento compartilham a consciência de suas próprias posições enunciativas encarnadas e a relacionalidade que, sempre comparativa e provisoriamente, marca-as ora como privilegiadas, ora como minoritárias. Seus projetos aproximam-se por sua dimensão performativa historiográfica propondo novas reescrituras de histórias (literárias) no Brasil.

3 Narrativas do esgotamento

Um olhar sobre a produção da última década de escritoras brasileiras, como Julie Dorrico (2019), Carola Saavedra (2018), Elvira Vigna (2014), Verônica Stigger (2013), Conceição Evaristo (2011), Josely Vianna Baptista (2011), ou sobre trabalhos de artistas visuais, como Claudia Andujar e Adriana Varejão, reunidos na exposição “Nous, les arbres” (2019), bem como sobre projetos de teatro e dança, como os últimos do Teatro Oficina (2020) e da Cia. de Dança Lia Rodrigues (2016), sinaliza a emergência de uma sensibilidade na paisagem cultural do Brasil comprometida com o que proponho chamar aqui de *narrativas do esgotamento*. Se nem todos os nomes

podem ser vinculados com algum tipo de identidade dissidente fixa no que se refere à autoria, à medida que mesmo os que explicitamente se associam a uma posição minoritária circulam também por espaços decisivos para o sistema literário brasileiro, seus pontos de vista anfíbios favorecem a diferença dentro da diferença e colocam em relevo perspectivas de seres tradicionalmente concebidos como passivos a partir da operação performativa de deslocamento situado, em direção a perspectivas narrativas de resistência, a partir de baixo, que abandonam o paradigma da representação.

Para entender a destituição do conceito de esgotamento aqui proposto, de noções apocalípticas favorecidas por perspectivas eurocêntricas tanto no sentido historiográfico, quanto estético, e conseguir enxergar sua potência de resistência, tomemos como exemplo a paisagem da floresta (seja ela a Amazônia ou não), presente de maneira direta ou indireta em quase todos os projetos literários e artísticos acima citados. Essa presença não implica, no entanto, qualquer ideia de pureza, em que é possível distinguir uma paisagem incontaminada e desvinculada da precariedade das cidades. Em sintonia com o conceito de paisagem proposto pelo teórico da literatura Jens Andermann, favorecendo a indissociação entre natureza e cultura, nessas obras, a floresta emerge, muito mais do que como cenário ou metáfora, como produtora de um próprio olhar, de uma própria perspectiva, que por sua vez deixa uma marca sobre o mundo. Nessas obras já não é possível falar de floresta, sem falar de *agrobusiness* (VIGNA 2014), genocídio e epistemicídio indígena (DORRICO, 2019; SAAVEDRA, 2018), violência colonial e releitura das apropriações modernistas dos mitos indígenas (STIGGER, 2013). Ao mesmo tempo, essas obras não tematizam propriamente a floresta e, sim, geram um espaço para a emergência de seu ponto de vista. Fazem isso problematizando a própria perspectiva encarnada, seja seu papel de tradutora como mediadora (BAPTISTA, 2011), seja seu lugar ambíguo, simultaneamente privilegiado e minoritário.

“Apesar da repercussão provocada pelo assassinato da freira Dorothy Stang [1931-2005], o tema da Amazônia continua marginal à consciência geral da maioria dos brasileiros, inclusive dos intelectuais”. Esse foi o diagnóstico do teórico da literatura especializado na investigação da Amazônia, Willi Bolle, em 2005, na sua pesquisa sobre o olhar de Euclides da Cunha sobre a Floresta (BOLLE, 2005, p. 140). Esse olhar que justapunha metáforas de grandiosa e paradisíaca beleza com a ameaçadora imagem de um “inferno verde” (CUNHA, 1907) já foi analisado e

comentado a partir da imaginação do “Eldorado” por muitos teóricos (GODIM, 1994; MALIGO, 1998; SÁ, 2004; PIZARRO, 2009). Pizarro contrasta a imagem relativamente homogênea da Amazônia até meados do século XIX oriunda de discursos externos à pluralidade dos discursos do interior da floresta (PIZARRO, 2009, p. 26). No contexto de um novo protagonismo do Brasil – não apenas como cenário de uma destruição com consequências mundiais, mas também como seu agente principal – a hipótese de *narrativas do esgotamento* emerge, por um lado, vinculada à perturbação de qualquer imagem da natureza como fonte infinita de recursos e, por outro, a percepções capazes de gerar resistência.

O campo semântico ligado à Floresta Amazônica, povoado de metáforas como “pulmão do mundo” e “depósito de oxigênio do planeta” é tradicionalmente marcado por uma espécie de indeterminação, por uma grandiosidade infinita daquilo que não se pode medir, contar, ou mesmo conhecer por inteiro – suas dimensões imensas, sua flora e fauna descritas sempre de maneira inacabada devido à inacessibilidade e à altura extrema de suas árvores –, alimentou o imaginário estético não apenas brasileiro, mas do mundo inteiro, a partir da materialização perfeita da ideia de sublime, sobretudo na concepção de Edmund Burke (1757), em que a grandiosidade da natureza provoca simultaneamente pavor e admiração no ser humano, reconhecido então em sua pequenez. Em contrapartida, relatórios científicos e reportagens recentes veiculados em mídias brasileiras e internacionais têm apresentado dados mensuráveis sobre o desmatamento da Floresta e imagens aéreas expondo a olho nu as dimensões de seu estado de ameaça. Com o aumento crescente de ações depredadoras e com a afirmação quantificada, calculada e determinada do risco de seu desaparecimento, o campo semântico da Amazônia passou a incluir a imagem de *uma floresta esgotada*, cuja precariedade material faz adivinhar sua finitude, seus limites. Uma floresta que precisa ser protegida, que é não maior do que o ser humano, mas igual, porque também perecível. Essa nova imaginação, que abala a concepção da Floresta como Mãe-Natureza, provedora, afeta não apenas a experiência do sublime ligada à natureza, mas sobretudo a relação de segurança existencial com relação à própria sobrevivência da espécie humana.

A dimensão semântica do esgotamento convive com sua dimensão performativa de produzir resistência. Em lugar de aludir ao hermetismo experimental do auge do modernismo, como o conceito de “exhaustion” proposto por John Barth (1967), narrativas do esgotamento contemporâneas vinculam-se a projetos

historiográficos afirmativos de resistência, que são impulsionados exatamente pela constatação da escassez e da necessidade de ação. A contração da preposição “de” com o artigo definido masculino “o”, em vez de funcionar como partícula apassivadora de esgotamento, opera como indicadora do lugar. Isso significa que as narrativas, muito mais do que narrar o esgotamento, performativamente o subvertem por meio da inscrição histórica de perspectivas encarnadas a partir de baixo.

Essa ideia de um impulso vital sendo alimentado pela ideia de morte e extinção é explorada pelo artista plástico Ismar Cirkinagic, em sua obra *Herbarium*, parte da exposição “Far from Home” (2020), com curadoria de Erlend G. Hoyersten, no Art Museum ARoS, Aarhus, Dinamarca. Nessa obra é apresentada uma série de quadros contendo plantas secas dispostos em uma parede de maneira ordenada. O título *Herbarium* evoca o princípio organizativo segundo o qual plantas são classificadas e taxonomizadas. Ao aproximarmos nossa visão de determinado quadro, podemos ler, escrito abaixo da planta seca colada dentro da moldura, o lugar onde foi encontrada: todas elas foram coletadas em valas coletivas onde jaziam cadáveres, corpos mortos em guerras, como as da Bósnia, por exemplo. Em meio a 800 corpos destituídos de vida, surge matéria orgânica, que por sua vez é apresentada morta, seca, a nossos olhos de expectativa.

Conclusão

A passividade atribuída a seres não humanos ou destituídos de sua humanidade, exatamente no que de alguma forma difere da categoria humana centrada no homem branco heterossexual, está diretamente vinculada à operação de representação. O deslocamento situado de perspectivas, baseado na imaginação, proposto por Haraway (1988), permite não apenas conceber diferenças de maneira dinâmica e não essencialista, evitando condicionar a agência à autoria dissidente independente das estratégias estéticas utilizadas, mas, sobretudo, de maneira performativa, inscrever a própria marca de sua perspectiva encarnada sobre o mundo. Com isso, essas perspectivas a partir de baixo produzem narrativas do esgotamento, abrindo espaço para outras diferenças e para outras escritas de histórias de literatura.

Impulsos narrativos de resistência gerados pela ameaça do esgotamento iminente ligado à crise climática planetária emergem necessariamente de perspectivas a partir de baixo, porque apenas a partir de baixo é possível imaginar

que o mundo não vai acabar, mas, sim, as condições necessárias à sobrevivência humana. Apenas a partir de baixo se pode imaginar um mundo que continua sem a espécie humana.

Referências

ACOSTA, A. Extractivism and neoextractivism: two sides of the same curse. In: LANG, M.; MOKRANI, D. (orgs.). *Beyond Development: Alternative Visions from Latin America*. Quito/Amsterdam: Fundación Rosa Luxemburg /Transnational Institute, 2013. p. 61-86.

ANDERMANN, J.; BLACKMORE, L.; MORELL, D. C. (orgs.). *Natura*. Environmental Aesthetics After Landscape. Chicago: Chicago University Press, 2018.

BAPTISTA, J. V. *Roça barroca*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BARAD, K. *Meeting the Universe Halfway*. Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning. Durham/London: Duke University Press, 2007.

BARTH, J. The Literature of Exhaustion (1967). In: BARTH, J. *The Friday Book: Essays and Other Non-Fiction*. London: The John Hopkins University Press, 1984. p. 62-76.

BECKMANN, E. *Capital Fictions: The Literature of Latin America's Export Age*. Minneapolis: Minnesota University Press, 2013.

BOLLE, W. O mediterrâneo da América Latina: a Amazônia na visão de Euclides da Cunha. *Revista USP*. 2005, São Paulo, n. 66, p. 140-155.

BRAUDEL, F. Histoire et sciences sociales: la longue durée. *Annales, Économies, Sociétés, Civilisations*. 1958, v. 13, n. 4, p. 725-753.

BRAUDEL, F. *La Méditerranée. L'espace et l'histoire*, vol 1. Paris: Champs Flammarion, 1949.

BURKE, E. *A Philosophical Enquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful*. London: Simon & Brown, 2013 (primeira edição 1757).

CHAKRABARTY, D. Climate of History: Four Theses. *Critical Inquiry*. 2009, n. 35, p. 197-222.

CUNHA, E. da. *Um Paraíso perdido*. Reunião dos ensaios amazônicos. Petrópolis: Vozes, 1976 (primeira edição 1907).

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira: um território contestado*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2012.

DORRICO, J. Vozes da literatura brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, J.; DANNER, L. F.; CORREIA, H. H. S.; DANNER, F. (orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 227-256.

DORRICO, J. *Eu sou macuxi e outras histórias*. Belo Horizonte: Caos e Letras, 2019.

DÜRBECK, G. Narrative des Anthropozän – Systematisierung eines interdisziplinären Diskurses. *Kulturwissenschaftliche Zeitschrift*. 2018, Heft 1, p. 1-20.

EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FAR FROM HOME. Exposição. Art Museum ARoS. Aarhus, 2020.

GODET, R. *A alteridade ameríndia na ficção contemporânea das Américas*. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2013.

GODIM, N. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1994.

GÓMEZ-BARRIS, M. *Extractive Zones: Social Ecologies and Decolonial Perspectives*. Durham/London: Duke University Press, 2017.

HARAWAY, D. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and The Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*. 1988, v. 14, n. 3, p. 575-599.

HARAWAY, D. *Staying with the trouble*. Making Kin in the Chthulucene. Durham/London: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, D. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. *Environmental Humanities*. 2015, n. 6, p. 159-165.

HOYOS, H. *Things with a History*. Transcultural Materialism and the Literatures of Extraction in Contemporary Latin America. New York: Columbia University Press, 2019.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, B. Agency at the Time of the Anthropocene. *New literary history*. 2014, v. 45, n. 1, p. 1-18.

LIBRANDI, M. Escutar a escrita: por uma teoria literária ameríndia. *O eixo e a roda*. 2012, v. 21, n. 2, p. 179-202.

LOTHIAN, A. *Old Futures: Speculative Fiction and Queer Possibilities*. New York: New York University Press, 2012.

MACIEL, M. E. Paisagens zooliterárias. Animais na literatura brasileira moderna. *Revista de Crítica Literária Latinoamericana*. 2014, n. 79, p. 265-279.

MACIEL, M. E. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MALIGO, P. *The Land of Metaphorical Desires*. The Representation of Amazon in Brazilian Literature. New York: Lang, 1998.

MUECKE, S. The Fall: Fictocritical Writing. *Parallax*. 2002, v. 8, n. 4, p. 108-112.

NODARI, A. Literatura como antropologia especulativa. *Revista da ANPOLL*. 2015, v. 1, n. 38, p. 75-85.

NOUS, LES ARBRES. Exposição. Fondation Cartier pour l'art contemporain. Paris, 2019.

OLINTO, H. K. Novas sensibilidades na historiografia (literária). *Itinerários*. 2004, n. 22, p. 13-36.

RODRIGUES, L. *Para que o céu não caia*. Espetáculo de dança. Residência de criação HELLERAU-European Center for the Arts. Dresden, 2016.

PIZARRO, A. *Amazonia: el río tiene voces*. Imaginario e modernización. La Habana: Casa de las Américas, 2011.

SÁ, L. *Rain Forest Literature: Amazon Texts and Latin America Culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.

SAAVEDRA, C. *Com armas sonolentas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTIAGO, S. Uma literatura anfíbia. *Alceu*. 2002, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 13-21.

SAWYER, S. W. Time after Time: Narratives of the *Longue Durée* in the Anthropocene. *Transatlantica*. 2015, n. 1.

SIMONI, M. Corporalidades especulativas: las mujeres-perro de Angélica Liddell y Paula Rego. In: CALLSEN, B.; GROß, A. (orgs.). *Cuerpos em oposición, cuerpos en composición. Representaciones de corporalidad en la literatura y cultura hispánicas actuales*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervuert, 2020. p. 45-70.

STIGGER, V. *Opsiane Swiata*. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2013.

TAUSSIG, M. *My Cocaine Museum*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

TISCHELEDER, B. *The literary life of things*. Frankfurt am Main: Campus Verlag, 2014.

VIGNA, E. *Por escrito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Méthaphysiques cannibales*. Paris: PUF, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, E.; DANOWSKI, D. *Há mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Desterro, Cultura e Barbarie/ Instituto Socioambiental, 2014.

WEBSTER'S DICTIONARY. Amphibious. Disponível em: <https://www.webster-dictionary.org/definition/Amphibious>. Acesso em: 10 set. 2020.

Recebido em 26/10/2020

Aceito em 28/11/2020

Publicado em 20/12/2020